

Mediações pedagógicas com crianças em tratamento oncológico: um olhar para a formação inicial do bacharel em Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo

RESUMO

Analisa as contribuições e as lacunas que a formação inicial do curso de bacharelado em Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) apresenta para a mediação pedagógica com crianças em tratamento oncológico, com ênfase nas experiências vivenciadas por um estagiário no Projeto de Extensão *Brincar é o Melhor Remédio* (PBMR). Trata-se de um relato de experiência que reflete sobre os processos de formação profissional em diálogo com as ementas e os objetivos de componentes curriculares do referido curso que são correlatos ao tema. Conclui-se que algumas unidades curriculares oferecem suporte teórico-metodológico para a mediação pedagógica com o público-alvo deste estudo, contudo, as concepções de infâncias e de jogos/brincadeiras podem ser ampliadas para melhor contemplar as subjetividades, as agências e as produções culturais das crianças.

PALAVRAS-CHAVE: Educação física; Formação inicial; Crianças; Tratamento oncológico

Gabriel Maroquio Zandomenighe da Silva

Bacharel em Educação Física
Universidade Federal do Espírito Santo, Centro
de Educação Física e Desportos, Vitória, Brasil
gabrielpcae@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-6534-0477>

Érica Bolzan

Mestre em Educação Física
Universidade Federal do Espírito Santo, Centro
de Educação Física e Desportos, Vitória, Brasil
ericabolzan@yahoo.com.br

<https://orcid.org/0000-0002-3759-598X>

André da Silva Mello

Doutor em Educação Física
Universidade Federal do Espírito Santo, Centro
de Educação Física e Desportos, Vitória, Brasil
andremellovix@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-3093-4149>

Pedagogical mediations with children undergoing oncologic treatment: a perspective towards a starting formation of a bachelor's degree in Physical Education at Espírito Santo Federal University

ABSTRACT

The work analyzes the contributions and gaps that the initial training of the Physical Education undergraduate course at Espírito Santo Federal University (Ufes) presents for the pedagogical mediation with children undergoing oncologic care, with emphasis on the experiences lived by an intern in the Extension Project named *Playing is the Best Remedy* (PBMR). It is about a report of experience that reflects the processes of professional training in dialogues with menus and the curricular components goals of the referred course correlated to the theme. It is concluded that some curricular units offer theoretical-methodological support related to the pedagogical mediation with the public-target of this study, however, the conception of childhood and games/playful activities may be expanded to better contemplate the subjectivities, the agencies and the children's cultural productions.

KEYWORDS: Physical Education; Initial training; Children; Cancer treatment

Mediaciones pedagógicas con niños en tratamiento oncológico: una mirada a la formación inicial del Licenciado en Educación Física de la Universidad Federal de Espírito Santo

RESUMEN

Analiza los aportes y lagunas que presenta la formación inicial de la carrera de Licenciatura en Educación Física de la Universidad Federal de Espírito Santo (Ufes) para la mediación pedagógica con niños en tratamiento oncológico, con énfasis en las experiencias vividas por un pasante en el Proyecto de Extensión Jugar es el Mejor Remedio (PJMR). Se trata de un relato de experiencia que refleja los procesos de formación profesional en diálogo con los planes de estudio y objetivos de los componentes curriculares de la mencionada carrera afines a la temática. Se concluye que algunas unidades curriculares ofrecen soporte teórico-metodológico para la mediación pedagógica con el público objetivo de este estudio. Sin embargo, los conceptos de infancia y juego podrían ampliarse para contemplar de mejor forma las subjetividades, las agencias y las producciones culturales de los niños.

PALABRAS-CLAVE: Educación física; Formación inicial; Niños; Tratamiento oncológico

INTRODUÇÃO

A Educação Física (EF), como campo profissional, tem ampliado cada vez mais a sua atuação pedagógica em diferentes contextos, como clubes, academias e projetos sociais. Dentre as inúmeras possibilidades de intervenção, neste texto focalizaremos a mediação da EF com crianças em tratamento oncológico a partir de uma experiência vivenciada em um Projeto de Extensão da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Embora o presente escrito se caracterize como um relato de experiência, todo o processo de construção se desenvolveu de forma colaborativa, pois os planejamentos das ações pedagógicas juntos às crianças, as análises, as reflexões e a redação ocorreram por meio de diálogos coletivos. Estiveram envolvidos, de maneira orgânica, o discente em formação inicial, o coordenador do Projeto e a orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso, do qual se originou o texto apresentado. Nessa perspectiva, a narrativa deste relato de experiência ocorrerá majoritariamente na primeira pessoa do plural ou na terceira pessoa do plural.

O Projeto de Extensão *Brincar é o Melhor Remédio* (PBMR) vem sendo desenvolvido desde março de 2017 e foi viabilizado pela parceria entre o Núcleo de Aprendizagens com as Infâncias e seus Fazeres (Naif), do Centro de Educação Física e Desportos (Cefd) da Ufes, e a Associação Capixaba contra o Câncer Infantil (Acacci), instituição que atende, anualmente, cerca de 300 crianças que estão em tratamento oncológico. Elas são pacientes provenientes do interior do estado do Espírito Santo e dos municípios limítrofes da Bahia e de Minas Gerais e que não possuem recursos financeiros para se manterem na capital capixaba durante o tratamento.

As ações do Projeto foram desenvolvidas em uma brinquedoteca não hospitalar, em um espaço com interior amplo, recepção e três ambientes destinados ao acolhimento das crianças e adolescentes, bem como de seus familiares. Nesses ambientes havia uma grande variedade e quantidade de brinquedos, objetos e decorações destinados ao público infantil, como por exemplo, fantasias, escorregadores, jogos de tabuleiro, casa de bonecas, dentre diversos outros materiais que favoreciam a vivência lúdica. O outro espaço, por sua vez, destinado aos adolescentes, possuía computadores, sinuca, pebolim e vídeo *games*. A brinquedoteca funcionava no período matutino e vespertino, o atendimento ocorria de segunda-feira a sábado, das 8 às 18 horas. O Projeto realizava mediações diárias, nos períodos matutino e vespertino, das 8 às 12 horas e de 14 às 18 horas. A equipe do PBMR era composta por dois estagiários no turno matutino, dois no turno vespertino, uma pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Educação Física da Ufes e o coordenador do Projeto.

As mediações dos professores e das professoras de Educação Física, em formação inicial e continuada, ocorreram no diálogo com as crianças e com os adolescentes, considerando os seus interesses, as suas necessidades e as suas possibilidades. As agências e o protagonismo das crianças e adolescentes foram reconhecidas e valorizadas nas mediações com os jogos e as brincadeiras. A brinquedoteca também contava com duas pedagogas, funcionárias da própria instituição. Vale evidenciar que a brinquedoteca se configurava como um ambiente de interação e brincadeiras, assim, não possuía uma restrição de idade. Circulavam diariamente, em média, 40 pessoas nesse espaço, entre crianças e seus familiares/responsáveis.

O PBMR tem como objetivo central proporcionar a vivência sistemática de atividades lúdicas por meio de jogos e de brincadeiras para as crianças que são acolhidas pela Acacci. No curso de sua trajetória, tem se constituído, como ação de extensão, um espaço de formação docente e de produção de conhecimentos pedagógicos para atuação nesse contexto socioeducativo. Nessa direção, Mello, Almeida Neto e Petrillo (2022, p.9) apresentam a extensão universitária como “processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre universidade e a sociedade”. Fazendo uso das ações de extensão, a comunidade acadêmica, uma vez sensível aos apelos sociais, elaborará conhecimento acadêmico e, ao mesmo tempo, oferecerá retorno aos grupos envolvidos, com as contribuições produzidas nessa relação dialética entre as teorias e as práticas, representadas pelas demandas de relevância social.

Ao buscarem por referenciais teórico-metodológicos que tratam esse tema nos periódicos científicos da EF, sobretudo naqueles vinculados às subáreas socioculturais e pedagógicas, Mello *et al.* (2019) constataram a incipiência de produções e sinalizam que há um vasto campo de possibilidades a ser explorado, especialmente pesquisas que contemplem situações concretas de ensino-aprendizagem. A maioria das investigações no campo da EF tem uma abordagem voltada para os impactos do exercício físico sobre a saúde da pessoa em tratamento oncológico. Em relação ao trabalho socioeducativo com os jogos e as brincadeiras, predominam estudos nos campos da Enfermagem e da Psicologia (GALVÃO, 2019).

Entendemos que a dimensão lúdica é uma importante aliada das crianças no enfrentamento da enfermidade, contribuindo para que elas tirem o foco da doença e ressignifiquem a própria realidade, potencializando os seus momentos de alegria, de fantasia e de esperança. A prática de jogos e de brincadeiras oportuniza espaços e tempos para que elas vivenciem as suas infâncias de maneira mais próxima ao *normal*, apesar dos desafios impostos pela enfermidade e pelo tratamento. Segundo Galvão (2019, p.148):

[...] os jogos e as brincadeiras se mostraram apropriados para assegurar a promoção do direito de brincar da criança e do adolescente, que permanece no processo de enfermidade. Com base nessa observação, a partir do cotidiano no PBMR, procuramos deslocar o olhar dos sujeitos enfermos para a criança e adolescente, que, mesmo passando por um contexto adverso, têm o direito de vivenciarem suas infâncias e adolescências da forma mais ampla possível.

Quando nos debruçamos sobre os componentes curriculares que constituem o currículo prescrito de formação do bacharelado em EF da Ufes, ressaltamos as diferentes perspectivas que o envolve, levando em consideração que tais documentos, de certa forma, estão em constante transformação e alteração, visto que a cultura é marcada por permanentes mudanças e os conhecimentos precisam estar em sintonia com essa dinâmica social. Dessa forma, a prática docente é perpassada pelo que denominamos de currículo manifesto e o currículo real. Para exemplificar, o manifesto diz respeito a tudo aquilo que os professores devem ensinar e o real, àquilo que eles dizem que ensinam. Surge, assim, uma dicotomia entre o currículo prescrito e o praticado. Para Sacristán e Gómez (1998, p.131):

Considerar que o ensino se reduz ao que os programas oficiais ou os próprios professores/as dizem que querem transmitir é uma ingenuidade. Uma coisa é o que dizem aos professores/as o que devem ensinar, outra é o que eles acham ou dizem que ensinam e outra diferente é o que os alunos/as aprendem. Em qual dos três espelhos encontramos uma imagem mais precisa do que é a realidade? Os três trazem algo, mas algumas imagens são mais fictícias do que outras. O resultado que obtemos das duas primeiras imagens – o que se diz que se ensina – forma o currículo manifesto.

O currículo real, por sua vez, possui aspectos que vão além das prescrições, das intenções e dos planejamentos que norteiam a ação dos professores em suas práticas cotidianas. Entendemos o currículo como um dispositivo cultural dinâmico, em constante modificação e reformulação, surgindo, assim, uma série de processos que, por um lado, envolve o que se deseja, e, por outro, o que realmente ocorre (SACRISTÁN; GÓMEZ, 1998).

A experiência como estagiário no PBMR suscitou questionamentos sobre os subsídios que o currículo de formação inicial do curso de bacharelado em EF da Ufes oferece para a atuação pedagógica com crianças em tratamento oncológico, as quais possuem demandas tão específicas. Nesse sentido, algumas indagações vieram à tona: as disciplinas ofertadas contemplam as demandas profissionais para a docência com crianças em tratamento oncológico? Quais são as contribuições e as lacunas que os currículos apresentam para a atuação profissional com esse público-alvo?

A fim de responder a essas indagações, o objetivo deste estudo é analisar as contribuições e as lacunas que a formação inicial do curso de bacharelado em EF da Ufes apresenta para a mediação pedagógica com crianças em tratamento oncológico. As análises serão realizadas tendo como ponto

de partida as experiências vivenciadas no PBMR, associadas às percepções do discente do curso de bacharelado em EF da Ufes como sujeito que vivenciou as disciplinas do curso de formação profissional e às interpretações das ementas e objetivos de componentes curriculares correlatos ao tema de estudo.

METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência associado com análise de documentos, representados pelos componentes curriculares e entendidos como partes constituintes do currículo prescrito do curso de bacharelado em EF da Ufes. Como dados históricos, ou seja, como artefatos culturalmente construídos pela sociedade, os documentos curriculares podem revelar os conhecimentos e as características da cultura acadêmica vigente no curso analisado. Cabe ao pesquisador compreender e interpretar esse material de forma crítica, levando em consideração os fatores socioculturais da época e do contexto em que eles foram produzidos. Marc Bloch (2001) afirma que tudo aquilo que o homem toca, fabrica, fala ou escreve, pode dizer algo sobre ele. Porém, cabe ao analista fazer as suas *fontes falarem*.

Nesta análise documental, focalizaremos as ementas e os objetivos de cinco disciplinas do curso de bacharelado em EF da Ufes que estabelecem interfaces com o trabalho realizado no PBMR. Os dados documentais foram obtidos por meio do Portal do Aluno da Ufes¹. As disciplinas cursadas possuem um código que, quando inserido na aba intitulada *Programa de disciplina*, viabiliza o acesso às ementas e aos objetivos das unidades curriculares do curso de bacharelado.

As análises e as reflexões realizadas neste texto destacam a importância e a singularidade da experiência. Nos dizeres de Bondía (2002, p.21), “[...] a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”. Ao apresentar o *saber da experiência*, Bondía (2002) revela a sua relevância e o caracteriza como um saber particular, subjetivo, relativo e pessoal:

O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. Não está, como o conhecimento científico, fora de nós, mas somente tem sentido no modo como configura uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade ou, em definitivo, uma forma humana singular de estar no mundo, que é por sua vez uma ética (um modo de conduzir-se) e uma estética (um estilo) (BONDÍA, 2002, p.27).

¹ Acessados pelo Portal do Aluno em 5 de abril de 2021. As ementas podem ser acessadas na página: https://cefd.ufes.br/sites/cefd.ufes.br/files/field/anexo/ppc_bacharelado.pdf

A atuação como estagiário ocorreu de maneira intensa e duradoura, no período de maio de 2019 a junho de 2021, resultando em uma carga horária total de 1.608 horas de dedicação ao Projeto. As mediações aconteciam em uma brinquedoteca² não hospitalar e, durante a pandemia, o contato foi estabelecido por vídeos semanais publicados nas redes sociais da Acacci e no canal da associação no *YouTube*.

Durante toda essa trajetória no PBMR, foram realizadas ações pedagógicas com jogos e brincadeiras junto às crianças e aos adolescentes de diferentes faixas etárias. As intervenções aconteciam após a realização de reuniões semanais para planejamento e avaliação, constituindo-se como um processo coletivo, conforme anunciado no início deste texto. Além disso, a participação no grupo de estudos do Naif, do qual somos membros, possibilitou uma compreensão sobre as especificidades do tratamento e das singularidades das crianças ao mergulharmos nas leituras e nas discussões ancoradas na Sociologia das Infâncias (CORSARO, 2011; SARMENTO, 2013) e nos Estudos com o Cotidiano (CERTEAU, 2014).

As ações planejadas e as experiências vivenciadas no cotidiano foram sistematizadas em diário de campo, que foi sendo construído após cada mediação pedagógica. Ao considerarmos que a experiência é o que nos toca, o que nos acontece (BONDÍA, 2002), este estudo não tem a pretensão de generalizar as análises e as interpretações desenvolvidas, assumindo uma posição de verdade universal. A nossa intenção é refletir sobre as experiências vivenciadas no PBMR no diálogo com o currículo prescrito do curso de bacharelado em EF.

O CURRÍCULO EM EDUCAÇÃO FÍSICA DO BACHARELADO DA UFES: diálogos com as experiências no pbmr

Para análise documental, elencamos as disciplinas que tratam das infâncias, da saúde, de planejamentos, de inclusão e dos jogos/brincadeiras, por considerá-las, dentro do currículo do bacharelado da Ufes, aquelas que estabelecem maior interface com as demandas encontradas no cotidiano do PBMR. O currículo do curso de bacharelado do Cefd/Ufes foi implementado em 2008 e está organizado em nove períodos letivos, com carga horária distribuída em disciplinas obrigatórias, optativas e estágios supervisionados. Dentre as disciplinas ofertadas pelo curso, o Quadro 1 destaca aquelas que estabeleceram um maior diálogo com a temática estudada. A apresentação e a interpretações das disciplinas ocorrerão de forma crescente, dos períodos iniciais para os períodos posteriores.

² As brinquedotecas são espaços criados para favorecer o brincar, possibilitando momentos de lazer e aprendizagem através da ludicidade.

Quadro 1 – Alocação das disciplinas em seus respectivos períodos

Disciplinas	Período
Educação Física, Saúde e Sociedade	1º
Crescimento e Desenvolvimento	2º
Ensino da Educação Física	2º
Fundamentos do Jogo	3º
Educação Física, Adaptação e Inclusão	7º

Fonte: os autores.

O componente curricular *Educação Física, Saúde e Sociedade*, cursado no 1º período, apresenta uma concepção de saúde que vai além das enfermidades e da ausência de doenças. No desenvolvimento da disciplina, foi possível compreender que o bem-estar se associa aos aspectos biológicos, psicológicos e sociais, que envolvem o ser humano em sua totalidade, como se observa no seguinte excerto dos objetivos desta unidade curricular:

Propor reflexões sobre a saúde como fenômeno complexo, dimensionando-o como campo produtor de saberes e de políticas públicas, imbricado na fronteira entre o individual e o coletivo, o biológico e o cultural. Apresentar e discutir conceitos de saúde/doença/corpo/risco, inserindo-os em uma perspectiva contextual crítica de investigação científica e de intervenção profissional na Educação Física (EDUCAÇÃO FÍSICA, SAÚDE E SOCIEDADE – UFES).

Esse entendimento foi fundamental para a atuação no contexto da Acacci, visto que, durante os planejamentos e intervenções, foi necessário desenvolver um olhar sensível para a criança, enxergando em cada sujeito as suas potencialidades para além da patologia, levando em consideração que a atuação docente abrange questões físicas, psíquicas e sociais. Dessa forma, os infantis são concebidos como *sujeitos de direitos*, não devendo ser subjugados ou restringidos de adquirir experiências culturais devido ao seu estado de saúde atual. Tolocka *et al.* (2019), ao discutirem sobre as atividades lúdicas para as crianças em tratamento oncológico, afirmam que, mesmo diante da eminente possibilidade de vir a óbito em consequência da doença, o infante não pode ser privado do seu inalienável direito de brincar.

Assim, as intervenções ocorreram por meio de um trabalho socioeducativo, em que o olhar para a saúde não esteve relacionado apenas ao combate da doença³, mas na compreensão das crianças como um ser integral, constituídas pelas suas dimensões físicas, emocionais, relacionais e

³ O tratamento oncológico é interdisciplinar. Algumas áreas atuam no combate direto à doença, como a medicina, a fisioterapia, a nutrição e, às vezes, a própria EF. Já outras áreas exercem um trabalho de natureza socioeducativa, no sentido de proporcionar um equilíbrio emocional e socioafetivo às crianças e seus familiares, como o serviço social, a psicologia, a pedagogia e a EF.

afetivas. No entanto, ressaltamos que, nesse mesmo cenário, a criança também pode optar por não brincar, uma vez que, no tratamento oncológico, o estado emocional do sujeito é bastante abalado.

Para exemplificar tal cenário, no dia 23/07/2019 aplicamos um plano de aula intitulado *Diversão e artes plásticas*, que consistia em conhecer artistas plásticos capixabas, bem como pontos turísticos do nosso estado, como, por exemplo, o parque Pedra da Cebola, o Convento da Penha e a Terceira Ponte. Ao final do encontro, através de uma tela de pintura, os participantes poderiam escolher qual ponto turístico iriam desenhar.

Durante o planejamento, contemplamos objetivos que tinham como foco aumentar o capital cultural das crianças acerca dos pontos turísticos presentes na região da Grande Vitória/ES, ampliando o repertório cultural dos infantis e, não menos importante, contemplando as subjetividades e os interesses dos diferentes sujeitos presentes no espaço da brinquedoteca. Em um determinado encontro, havia duas crianças que possuíam singularidades específicas: uma utilizava a cadeira de rodas para se locomover, devido a uma amputação; e outra criança ainda era muito tímida, pois era novata e estava se familiarizando com o espaço da instituição.

Com o decorrer da mediação, as duas crianças citadas optaram por pintar, juntas, um quadro da Pedra da Cebola (DIÁRIO DE CAMPO, 23/07/2019). Dessa maneira, conseguimos desenvolver uma prática em dupla, visando desenvolver as potencialidades das crianças, retirando o foco da doença, construindo um ambiente de autonomia e, somado a isso, que respeitasse e atendesse a subjetividade de cada sujeito presente naquele espaço.

Ao compreendermos a saúde em uma perspectiva mais ampla, como discutido na disciplina *Educação Física, Saúde e Sociedade*, a atividade acima descrita focalizou o resgate da autonomia das crianças, dimensão seriamente afetada durante o tratamento oncológico. Para Mello *et al.* (2021, p.100):

Durante o tratamento oncológico, por força das asperezas inerentes a esse processo, as crianças vão perdendo o controle e a autonomia de suas próprias vidas e a vivência sistemática de atividades lúdicas é uma alternativa para reverter esse quadro, pois nas situações brincantes as crianças são autoras de suas experiências pessoais e sociais.

No 2º período, destacamos as disciplinas *Crescimento e Desenvolvimento e Ensino da Educação Física* como unidades curriculares que estabelecem relações com o trabalho socioeducativo realizado no PBMR. A primeira disciplina possibilitou a compreensão de que a maturação e o desenvolvimento humano dependem de elementos intrínsecos e extrínsecos aos indivíduos e que os fatores socioambientais são importantes para os processos de desenvolvimento dos sujeitos. Contudo, ao analisarmos os objetivos da disciplina e confrontá-los com a rememoração

sobre o que foi vivenciado como estudante do curso, é possível compreender que a discussão sobre os processos de desenvolvimento e de crescimento foi restrita, reduzida aos aspectos maturacionais⁴ do desenvolvimento, como se observa no seguinte excerto dos objetivos da disciplina:

Estudo dos processos que envolvem o crescimento físico e o desenvolvimento motor. As prontidões maturacionais relacionadas às atividades físicas e desenvolvimento de programas específicos para cada fase da vida (CRESCIMENTO E DESENVOLVIMENTO – Ufes).

No contexto do PBMR, a visão de criança como sujeito universal, cujo desenvolvimento está atrelado apenas às leis maturacionais e biológicas, demonstrou-se pouco eficaz para o trabalho docente, visto que os infantis que vivenciam o câncer possuem um processo de desenvolvimento atípico. A exposição ao tratamento quimioterápico e radioterápico gera fraqueza, queda de cabelos, baixos níveis de plaquetas e hemoglobina, má digestão, falta de apetite, vômitos recorrentes, dentre diversos efeitos colaterais que afastarão a criança do seu desenvolvimento considerado *normal* pelo viés desenvolvimentista e universal.

Assim, as taxonomias do desenvolvimento motor (GALLAHUE; OZMUND, 2003; HARROW, 1983; SEAMAN; DePAUW, 1982), que propõem demandas de movimento relacionadas à faixa etária em que os indivíduos se encontram, precisam ser ressignificadas, pois, independentemente da enfermidade, as crianças não são iguais. Ao defender uma perspectiva sinergista de desenvolvimento, Edson de Jesus Manoel, importante pesquisador brasileiro no campo do Comportamento, afirma que:

[...] o peso da abordagem desenvolvimentista tradicional recaía sobre progressividade, continuidade, regularidade, padrões sequenciais, excepcionalidade no desempenho, e universalidade, e com a visão sinérgica o pêndulo oscila para a diversidade⁵, descontinuidade, variabilidade, trilhas desenvolvimentistas, ubiquidade do desempenho, heterogeneidade (MANOEL, 2008, p.485).

No cotidiano do Projeto, constatamos que a oferta de jogos e de brincadeiras com as diferentes habilidades motoras básicas, sejam elas locomotoras, manipulativas ou estabilizadoras, considerou o desenvolvimento real das crianças e não aquele preconizado pelas taxonomias do desenvolvimento motor. Com isso, não estamos descartando as contribuições que esses sistemas de classificação do desenvolvimento motor oferecem à prática docente, mas alertando para a necessidade de considerá-los como parâmetros, como uma referência, e não como uma *camisa de*

⁴ A maturação é um mecanismo regulatório endógeno, biologicamente determinado, pouco suscetível às influências ambientais.

⁵ Segundo Manoel (2008, p.484), “[...] a diversidade é um aspecto marcante no desenvolvimento por nos possibilitar usar as propriedades dinâmicas da ação para nos ajustarmos e inovarmos de acordo com as nossas necessidades e sentidos”.

força, pois o desenvolvimento é caracterizado, simultaneamente, pela universalidade e pela alteridade.

Além disso, a visão universalista de desenvolvimento, que pressupõe “[...] prontidões maturacionais relacionadas às atividades físicas e o desenvolvimento de programas específicos para cada fase da vida”⁶, não considera o papel do indivíduo no seu processo de desenvolvimento. Nessa visão, quem tem a prerrogativa do desenvolvimento é a maturação, restando aos indivíduos uma posição passiva nesse processo. Entretanto, diferentemente dessa perspectiva maturacional, compreendemos que o “[...] desenvolvimento é um processo de construção em que o sujeito é ator do seu próprio desenvolvimento” (MANOEL, 2008, p.482).

Na rotina do PBMR, desenvolvemos um olhar atento e uma escuta sensível aos interesses, às necessidades e às possibilidades das crianças, que, muitas vezes, não estavam vinculados às fases do desenvolvimento motor estabelecidas pelas taxonomias. Em algumas situações, por excesso de zelo nosso, subjugávamos as potencialidades dos infantis, que nos indicavam constantemente pistas sobre os limites e as possibilidades do trabalho pedagógico com as manifestações da cultural corporal de movimento, sobretudo com os jogos e com as brincadeiras.

Exemplo disso foram as brincadeiras com o vôlei, em que as crianças reivindicaram o desejo de brincar desse esporte na brinquedoteca. A princípio, esse pedido nos deixou bastante preocupados, pois tínhamos medo de que elas, em debilitado estado de saúde, machucassem-se com uma bolada, com uma queda, com um choque entre elas, dentre outros possíveis acidentes.

Porém, ao considerarmos as crianças como *atores do seu próprio desenvolvimento*, adaptamos o jogo de vôlei para que elas pudessem vivenciar algo que desejavam. Assim, o peso da bola foi reduzido, algumas regras foram estabelecidas, como só passar a bola para outro campo com toque ou de manchete (eliminamos a cortada para que ninguém se machucasse). Dentro do próprio campo, os jogadores tiveram um espaço delimitado de ação, para evitar choques entre eles, dentre outras adaptações.

Já na disciplina *Ensino da Educação Física*, foi trabalhada a importância do planejamento, focando aspectos estruturais dos planos de ensino e de aulas. Esse conhecimento foi bastante mobilizado durante todo o processo de estágio, pois periodicamente avaliávamos e planejávamos mediações socioeducativas considerando a realidade do contexto e as particularidades do público atendido. Entre outros aspectos, essa disciplina “Trata do processo e dos métodos de ensino-aprendizagem nos diferentes âmbitos específicos da Educação Física: organização do ensino, métodos de ensino, relação professor-aluno” (ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA – Ufes).

⁶ Excerto do objetivo da disciplina *Crescimento e Desenvolvimento*.

No cotidiano do PBMR, lidar com esses pressupostos foi fundamental para se pensar as características singulares desse campo de trabalho. Quando elaborávamos o planejamento de uma aula, não raro nos deparávamos com situações peculiares que cercam a atuação docente nesse espaço, exigindo de nós, principalmente na condição de estagiários, uma flexibilidade e adaptabilidade do planejamento em decorrência da variabilidade contextual.

Uma dessas variabilidades diz respeito à volatilidade das crianças, ou melhor, aos fatores que afetam a presença delas em uma brinquedoteca não hospitalar. As internações, as consultas, as sessões de quimioterapia e de radioterapia, assim como os efeitos colaterais do tratamento, afetam a presença regular das crianças na instituição. Portanto, o desenvolvimento de um planejamento flexível e adaptável à imprevisibilidade do contexto foi uma demanda permanente no ambiente de estágio. As especificidades do planejamento no trabalho socioeducativo com crianças em tratamento oncológico podem ser encontradas no texto *O brincar e a criança em tratamento oncológico: relação para além da dimensão terapêutica* (MELLO *et al.*, 2021).

Constantemente tivemos que efetuar reavaliações e reconfigurações no planejamento para lidar com as mudanças e com as *surpresas* provenientes desse campo de atuação profissional. Portanto, os conhecimentos de natureza didático-metodológicos veiculados pela disciplina *Ensino da Educação Física* contribuíram de forma significativa para atuação profissional com crianças em tratamento, em especial as discussões relativas ao planejamento.

A disciplina *Fundamentos do Jogo*, localizada no 3º período do curso, tem uma relação direta com o trabalho desenvolvido no PBMR. Na formação inicial do bacharel em EF da Ufes, essa disciplina trata das concepções de jogos, de brincadeiras e de esportes numa espécie de escala progressiva entre essas manifestações culturais.

A brincadeira possui um caráter lúdico, em que a criança vivencia atividades de maneiras descontraídas e com poucas regras a serem seguidas. Nela predomina a imaginação e a fantasia. Já o jogo é uma atividade lúdica em que prevalecem as regras e os acordos previamente estabelecidos. Apesar disso, ele apresenta certa flexibilidade, podendo ser modificado pelos acordos entre os seus praticantes. O esporte, por sua vez, possui regras específicas para serem seguidas, além de seu enredo competitivo e da repetição de movimentos para se alcançar a melhora no desempenho.

No que diz respeito à escala de progressão citada anteriormente, os jogos e as brincadeiras são utilizados na disciplina de *Fundamentos do Jogo* para introduzir práticas que remetem à iniciação esportiva. Essas manifestações da cultura lúdica infantil são utilizadas como uma ferramenta para o professor iniciar uma aproximação mais sutil às práticas esportivas. Sendo assim, essas atividades tornam-se uma estratégia indispensável para a atuação docente, configurando

dinâmicas importantes para atuar com a iniciação esportiva de crianças. Na ementa da disciplina de *Fundamentos do Jogo*, observamos uma abordagem ampla dessa manifestação cultural:

Abordagens conceituais e classificatórias de Jogo. Características e potencialidades pedagógicas do jogo. O jogo como elemento da cultura e como manifestação da ludicidade humana. Aspectos definidores do jogo como conteúdo e como método da Educação Física. Aproximações e distanciamentos entre jogo, brinquedo e brincadeira. O universo lúdico do jogo e a associação com o imaginário social popular (FUNDAMENTOS DO JOGO – UFES).

Apesar de a ementa ser abrangente, contemplando o jogo em suas variadas dimensões, o foco da disciplina, no período em que foi cursada, incidiu sobre as contribuições dessa manifestação cultural como estratégia metodológica para a aprendizagem de diferentes modalidades esportivas. As concepções citadas no documento da disciplina *Fundamentos do Jogo*, com um olhar para os jogos e as brincadeiras num contexto lúdico, são, de maneira teórica, importantes para as intervenções com crianças em tratamento oncológico.

No entanto, durante as aulas, os jogos e as brincadeiras foram trabalhados como uma estratégia metodológica para se alcançar demandas provenientes das práticas esportivas, sendo utilizados como um meio para melhorar, por exemplo, o deslocamento do corpo no espaço, o tempo de reação, a relação com a bola, o convívio entre os sujeitos, dentre outras dimensões que conduzem ao aprendizado das práticas esportivas. Na disciplina, o jogo foi trabalhado como meio (MELLO; DAMASCENO, 2011), ou seja, como estratégia metodológica para a aprendizagem das habilidades de diferentes modalidades esportivas.

Em sentido ampliado, no contexto do PBMR, os jogos e as brincadeiras são tratados como objeto de ensino, ou seja, como capital cultural lúdico que as crianças se apropriam e ressignificam para atender ao seu inalienável direito de brincar (BRASIL, 1990). Os jogos e as brincadeiras têm fim em si mesmos. Diante das incertezas sobre o futuro, os infantes não são concebidos como um *vir a ser*, mas como um *ser que é* (SARMENTO, 2013), com necessidades e expectativas relacionadas ao tempo presente. Nessa perspectiva, os jogos e as brincadeiras não são trabalhados como meio para atenderem às aprendizagens futuras, mas, sim, como objeto de ensino para que as crianças ampliem o seu repertório lúdico e vivenciem as suas infâncias de maneira plena, apesar da gravidade da enfermidade.

Com base em Roger Caillois (1990), que escreveu o clássico *Os jogos e os homens: a máscara e a vertigem*, inferimos que, na disciplina de *Fundamentos do Jogo*, essa manifestação da cultura lúdica é trabalhada na perspectiva do *agon*, cuja ênfase é a competição, o exceder e o triunfar, características típicas do esporte. Já no PBMR, o jogo é trabalhado em uma perspectiva

mais ampla, além do *agon*. O Projeto também contempla as dimensões da *alea*, do *ilinx* e, sobretudo, da *mimicry*.

Nos jogos relacionados à *alea*, predomina o acaso, a sorte ou azar, em que os jogadores não têm controle sobre os destinos da atividade. Nessa categoria, encontramos os jogos de dados, de cartas e de bingo, por exemplo. Já no *ilinx*, predominam jogos e brincadeiras que buscam a vertigem, o estado alterado de consciência, a adrenalina. Podemos exemplificar esse grupo com as práticas corporais de aventura, como o *slackline*, o *parkour* e a tirolesa. Jogos relacionados a esse campo não foram trabalhados no PBMR, pois apresentam riscos à segurança de crianças que estão em elevado grau de vulnerabilidade.

Na categoria *mimicry*, os jogos são caracterizados pela fantasia, pelo faz de conta, em que a realidade literal é substituída pela imaginação. Brincar de casinha, de escola ou de médico são atividades lúdicas associadas a essa classe. Esse tipo de brincadeira foi muito vivenciado na brinquedoteca da Acacci, pois o grupo atendido é composto, majoritariamente, por crianças pequenas. O exemplo abaixo, extraído do diário de campo, demonstra uma situação na qual a criança explorou a sua imaginação:

A criança chega à brinquedoteca e resolve brincar de faz de conta com aviões. Para os aviões voarem, era necessário abastecê-los. Para isso, ela pegou uma plataforma de lava jato e usou como um posto de gasolina para abastecer os aviões (DIÁRIO DE CAMPO, 03/07/2019).

A brincadeira de faz de conta demonstrou-se muito importante para as crianças em tratamento oncológico, pois contribuiu para que elas retirassem o foco da doença e ressignificassem a sua realidade, trazendo momentos de alegria, de prazer e de esperança durante as atividades (MELLO *et al.*, 2021).

No 7º período, na disciplina *Educação Física, Adaptação e Inclusão*, foram vivenciadas situações de intervenção com jogos e brincadeiras com o objetivo de aproximar os discentes de cenários desafiantes que podem ocorrer durante a atuação docente, como indica parte da ementa da disciplina:

A questão da Educação Física para alunos com necessidades especiais. Conhecimento das deficiências, características e possibilidades de intervenção. Estudo dos métodos e técnicas aplicadas e de situações que exigem adaptações. Problematização das situações de inclusão/exclusão nas aulas de Educação Física (EDUCAÇÃO FÍSICA, ADAPTAÇÃO E INCLUSÃO – Ufes).

O conteúdo advindo dessa disciplina foi muito significativo para a atuação no Projeto. Durante as diversas mediações, lidamos com pessoas que possuem deficiência física decorrente de

amputação de membros em razão da enfermidade. Além disso, atendemos crianças com diversos anseios, demarcados por angústias, humor alterado, ansiedade e até mesmo depressão. Todo esse cenário se agrava com as repentinas mudanças no tratamento, seja pelos medicamentos cada vez mais impactantes na saúde ou por notícias desagradáveis que alteram o bem-estar físico e psicológico do sujeito. Por conseguinte, as pessoas que estão envolvidas no cotidiano dessas crianças precisam desenvolver uma escuta sensível e um olhar atento para as demandas desses sujeitos, assim, faz-se crucial planejar as intervenções pensando na pluralidade das pessoas presentes no espaço da brinquedoteca para que as práticas desenvolvidas atendam cada sujeito na sua singularidade e subjetividades.

No mês de setembro de 2019, por exemplo, utilizamos como temática *Brincadeiras de criança*, que consistia em uma série de jogos e de brincadeiras populares. Dentre os objetivos, havia a tentativa de aproximar os sujeitos de brincadeiras populares presentes no universo infantil. Para mapear essas práticas, durante as aulas, elaboramos conversas e indagações para entender as experiências corporais que as crianças possuíam, como podemos notar no seguinte trecho:

Começamos nossa aula perguntando às crianças quais brincadeiras elas gostavam de fazer na escola, no seu bairro ou na rua. Uma criança respondeu: “pique esconde”. Em seguida, outra disse: “futebol, mas não posso por causa do meu braço”. Depois, citamos várias brincadeiras presentes na infância, como por exemplo, pique boia, queimada, pique gelo e amarelinha (DIÁRIO DE CAMPO, 09/09/2019).

Após esse mapeamento, no decorrer do mês modificamos diversas atividades para atender às subjetividades e às possibilidades das crianças e, não menos importante, para que elas pudessem praticar e ressignificar aqueles exercícios a partir de suas autorias. Portanto, o futebol e o pique esconde perdem o seu formato original, dando origem a um chute ao gol e a uma brincadeira de esconder um objeto para que as outras pessoas pudessem encontrar, visto que as crianças possuem pouca energia para correr devido à fadiga provocada pelo tratamento. Essas mudanças são necessárias para gerar um ambiente de possibilidades que inclua os sujeitos em diferentes brincadeiras. Assim, é de extrema importância pensar, modificar e alterar jogos e brincadeiras para alcançar as diferentes dimensões de uma mesma atividade, contemplando aspectos do fazer, do ser e do aprender.

Além disso, é importante ressaltar que, durante o desenvolvimento da disciplina, por iniciativa do professor responsável, foram promovidas palestras com integrantes do PBMR, no intuito de difundir a EF com crianças e adolescentes em tratamento oncológico. Dessa maneira, as ações empreendidas pelo Projeto, ainda que timidamente, vêm impactando e refletindo no currículo do curso de bacharelado em EF da Ufes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência como discente no bacharelado em EF da Ufes e no PBMR suscitou algumas reflexões sobre a formação inicial ofertada por esse curso no que diz respeito ao trabalho socioeducativo com crianças em tratamento oncológico. Sem a intenção de fazer julgamentos, verificamos que algumas unidades curriculares do curso contribuíram para a mediação pedagógica nesse ambiente tão peculiar enquanto outras apresentaram certas lacunas e restrições.

A principal lacuna percebida não está circunscrita em uma disciplina específica e está relacionada à concepção de infância. No curso, ainda prevalece uma concepção universal de infância determinada por leis maturacionais, que concebe todos infantes como iguais (DAHLBERG; PENCE; MOSS, 2003). As crianças não são vistas como sujeitos sócio-históricos. Nessa perspectiva, elas são enxergadas apenas pelas suas ausências e incompletudes, por aquilo que ainda não são. Elas ocupam um lugar de anomia e de invisibilidade social, exercendo uma posição de passividade em seus processos de socialização e de desenvolvimento.

Com base na experiência durante o desenvolvimento do PBMR, percebemos que as crianças são sujeitos capazes de pensar e de agir sobre si, por isso a necessidade de considerar as suas subjetividades, necessidades, possibilidades e expectativas em relação aos jogos e às brincadeiras. Foi preciso deslocar o olhar do *paciente* para a *criança*, que, apesar de todas as asperezas da enfermidade, tem o direito de brincar. Nesse sentido, recomendamos que as disciplinas do curso que tratam das infâncias ampliem os seus referências para além dos paradigmas médicos e psicológicos, dialogando com outros campos do conhecimento, como a Sociologia da Infância, que buscam enxergar as crianças não pela sua incompletude, mas por sua alteridade em relação aos adultos. Essa ampliação oferecerá suporte teórico-prático a qualquer campo de intervenção da Educação Física que tenha como foco as crianças e não apenas ao contexto específico tratado neste texto.

No caso da disciplina *Fundamentos do Jogo*, cujo objeto estabelece uma relação direta com as demandas presentes no PBMR, vemos a necessidade de ampliar o seu escopo, superando o viés utilitarista e funcionalista dessa manifestação cultural, que a concebe apenas como meio, como estratégia metodológica para alcançar determinados fins. Sem desconsiderar a importância dessa perspectiva, o jogo também precisa ser trabalhado como objeto, como um capital cultural que necessita ser aprendido e ressignificado pelas crianças.

Consideramos a ressignificação como um aspecto fundamental, pois, com base em Certeau (2014) e Corsaro (2011), compreendemos que as crianças não absorvem passivamente os bens culturais que lhes são ofertados. Ao se apropriarem desses bens, elas os transformam, dando novos

sentidos aos jogos e às brincadeiras. Reconhecer e valorizar essas ressignificações são formas de conceber as agências das crianças e o seu protagonismo nos processos socioeducativos nos quais estão inseridas.

Também identificamos muitas possibilidades que as unidades curriculares do curso de bacharelado em EF da Ufes oferecem para a atuação docente com crianças em tratamento oncológico. Essas possibilidades estão circunscritas, sobretudo, no que tange à concepção de saúde, aos aspectos didático-metodológicos e, em especial, ao planejamento e aos processos de inclusão de pessoas com deficiências. Também reconhecemos que a formação inicial não está atrelada apenas às disciplinas que compõem a grade curricular, assim, os núcleos e os laboratórios do CEFD/UFES, como o NAIF e o Laboratório de Educação Física Adaptada (Laefa), contribuíram para lidar com as especificidades desse novo campo de atuação profissional.

Por fim, gostaríamos de ressaltar que os currículos dos cursos de formação inicial, seja em bacharelado ou em licenciatura, precisam estar em permanente diálogo com as transformações sociais, principalmente em relação à emergência de novos campos de atuação profissional.

REFERÊNCIAS

- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 21-28, jan./fev./mar./abr. 2002. Trimestral. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 3 out. 2022.
- BLOCH, Marc. **Apologia da História ou ofício do historiador**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BRASIL. Lei 8.069 de 13 de julho de 1990. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e Adolescente e dá outras providências**, 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm. Acesso em: 14 set. 2021.
- CAILLOIS, Roger. **Os jogos e os homens: a máscara e a vertigem**. Lisboa: Cotovia, 1990.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. 22. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.
- CORSARO, William. **Sociologia da infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- DAHLBERG, Gunilla; MOSS, Peter; PENCE, Alan. **Qualidade na educação infantil da primeira infância: perspectivas pós-modernas**. Porto Alegre: Artmed. 2003.
- GALVÃO, Emmily Rodrigues. **Relações pedagógicas da educação física com crianças e adolescentes em tratamento oncológico**. 2019. 167 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-graduação em Educação Física, Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019.
- HARROW, Anita. **Taxonomia do domínio psicomotor**. Porto Alegre: Globo, 1983.

MANOEL, Edison de Jesus. A abordagem desenvolvimentista na educação física escolar – 20 anos: uma visão pessoal. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 19, n. 4, p. 473-488, 4. trim. 2008. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/6039/3779>. Acesso em: 3 out. 2022.

MELLO, André da Silva; GALVÃO, Emmily Rodrigues; TRINDADE, Luísa Helmer; MARTINS, Rodrigo Lema Del Rio; BARBOSA, Raquel Firmino; PIMENTEL, Giuliano Gomes de Assis. Projeto Brincar é o Melhor Remédio: relações pedagógicas centradas nas produções culturais das crianças. **Revista Guará**, Vitória, v. 1, n. 12, p. 67-81, dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/guara/article/view/21144/54>. Acesso em: 3 out. 2022.

MELLO, André da Silva; DAMASCENO, Leonardo Graffius. **Conhecimento e metodologia do ensino do jogo**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Núcleo de Educação Aberta e à Distância, 2011.

MELLO, André da Silva; TRINDADE, Luísa Helmer; GALVÃO, Emmily Rodrigues; PIMENTEL, Giuliano Gomes de Assis. O Brincar e a Criança em Tratamento Oncológico: Relações para além da Dimensão Terapêutica. **Licere**, [s.l.], v. 24, n. 2, p. 97–119, jun. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/34867/27525>. Acesso em: 3 out. 2022.

MELLO, Cleyson de Moraes; ALMEIDA NETO, José Rogério Moura de; PETRILLO, Regina Pentagna. **Curricularização da extensão universitária**. 2. ed. Rio de Janeiro: Processo, 2022.

GALLAHUE, David; OZMUN, John. **Compreendendo o desenvolvimento motor**: bebês, crianças, adolescentes e adultos. São Paulo: Phorte, 2003.

SACRISTÁN, José Gimeno. Os professores como Planejadores. In: SACRISTÁN, José Gimeno; GÓMEZ, Angel Pérez. (orgs.). **Compreender e transformar o ensino**. 4. ed. São Paulo: Artmed, 1998. p. 271- 293.

SARMENTO, Manuel Jacinto. A Sociologia da Infância e a sociedade contemporânea: desafios conceituais e praxeológicos. In: ENS, Romilda Teodora; GARANHANI, Marynelma Camargo (orgs.). **Sociologia da Infância e a formação de professores**. Curitiba: Champagnat, 2013. p. 13-46.

SEAMAN, Janet; DePAUW, Karen. **The new adapted physical education**: A deselopmental approach. Califórnia: Mayfiel PUB, 1982.

TOLOCKA, Rute Estanislava; CORRÊA, Raphaela Espanha; LIMA, Mayara Mascarenhas de; COLOMBO, Carlos Eduardo Maricone; POLETTO, Jessica Eloá. Brincar e Crianças com Câncer: Que Relação é Esta?. **Licere**, [s.l.], v. 22, n. 1, p. 421–444, mar. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/12327/9883>. Acesso em: 3 out. 2022.

NOTAS DE AUTOR

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à ACACCI pela parceria no desenvolvimento do Projeto Brincar é o Melhor Remédio (NAIF/CEFD/UFES).

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Não se aplica.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não houve conflito de interesses.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Motrivivência - ISSN 2175-8042** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution Non-Comercial ShareAlike](#) (CC BY-NC SA) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, desde que para fins **não comerciais**, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico desde que adotem a mesma licença, **compartilhar igual**. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico, desde que para fins **não comerciais e compartilhar com a mesma licença**.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. LaboMídia - Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Mauricio Roberto da Silva, Giovani De Lorenzi Pires, Rogério Santos Pereira.

EDITOR DE SEÇÃO

Silvan Menezes dos Santos

REVISÃO DO MANUSCRITO E METADADOS

Juliana Rosario e Maria Vitória Duarte

HISTÓRICO

Recebido em: 25 de maio de 2022

Aprovado em: 05 de setembro de 2022